

GAZETINHA

29 DE SETEMBRO
DE 1889

GAZETINHA

PERIODICO RECREATIVO.

ASSIGNATURAS:
 POR MEZ.....500 Rs.
 — PAGAMENTO ADIANTADO. —

ANNO I.
 N.º 5.

PUBLICAÇÕES:
 POR LINHA.....80 Rs.
 NÚMERO AVULSO.....200 Rs.

REDACÇÃO E TYP. — PRAÇA MUNICIPAL N.º 24 —

PUBLICA-SE NOS DOMINGOS.

Director - Tito E. da Silva. || Campina-Grande, Domingo, 29 de Setembro de 1889. || Redactores - diversos.

ALMANAK

SETEMBRO (tem 30 dias) SOL em LEO.	
DOMINGO	1 8 15 22 29 .
SEG.-FEIRA	2 9 16 23 30 .
TERÇA-FEIRA	3 10 17 24 . .
QUART-FEIRA	4 11 18 25 . .
QUINT-FEIRA	5 12 19 26 . .
SEXTA-FEIRA	6 13 20 27 . .
SABBADO	7 14 21 28 . .
DIAS SANTIFICADOS: 8½.	
PHASES DA LUA: Cres. a 2, cheia a 8, ming. a 17, nova a 24.	
MEMORANDUM: Correio a 3 de Outubro. (5ª feira.) Hoje é dia de pagar-se as assignaturas da <i>Gazetinha</i> .	

EXPEDIENTE.

São nossos Agentes :
 Nesta cidade; os Srs. :
 Joaquim Azevedo de Farias,
 Antonio Dias de Araujo,
 Antonio Joaquim Candêas e
 Candido Fabricio Filho.
 Em Bonabuyé, o Sr. Joviniانو Sobreira.
 Na cidade de Areia, o Sr. Antonio M. de Areia.
 Em Pocinhos, o Sr. Joaquim Francisco de Araujo Pedrosa.
 Com qualquer destes podem os interessados interter-se, não só sobre assignaturas, como sobre qualquer publicação que esteja nos limites do nosso programma. Os mesmos estão autorizados a receber importancias de assignaturas e publicações e passar dellas recibo.

COLLABORAÇÃO

— Vens hoje assim... meio carranda!
 — Pois, o que queres? meus assignantes só pensam agora em retratos e cosmorama, descuidando-se daquillo.
 — Daquillo o que?
 — O que?! Como estás tambem alheio.
 — Por Deus, *Gazetinha*, não sei a que te referes; só se é a farinha cara.
 — Que cara; pois eu me sustento com farinha ou com papel e tinta? É para isto obter-se, não sabes o que é preciso?
 — Não, por certo; eu nunca vi fazer-se papel nem tinta.
 — Estás muito innocente, mais do que eu, que apenas vou completar um mez. Então, só sabes o que é preciso para obter-se qualquer cousa, tendo visto fazel-a?
 — Eu, só.
 — Estás servido. Já sei que te não pertence este chapêu que trazes; nunca vistes fazer chapêus!
 — E' meu, compreio-o.
 — Bem; já vês que não ha um só meio de obter-se as cousas; neste caso, eu tambem comprarei papel e tinta?
 — E' bem provavel.
 — E donde me vir o cobrinho para tal fim?
 — Não desejo saber. Não indago pela vida alheia.
 — Mas, eu tenho gosto em contar-te a minha vida.
 — Agora eu vou almoçar, não tenho tempo de ouvir tudo.
 — E' uma historinha curta.
 — Embora; quando aproxima-se a

hora do almoço, vou ficando surdo, e acabo por nada ouvir absolutamente.
 -- Has de ouvir.
 -- Has de perder o tempo e o trabalho.
 -- Ouvirás: Vivo de quinhentos reis mensaes que me pagam os meus assignantes.
 -- Estás fallando latim, *Gazetinha*, e baixo, que não ouço.
 -- Pois, se estás com os ouvidos tapados, volta a vista para o -- MEMORANDUM -- e vê o que lá está.
 -- Correio a 3 de Outubro, quinta-feira. Ora esta; isto já eu sei.
 -- Mas abaixo, mais abaixo.
 -- Bem; lerei depois do almoço; já me vai faltando até a vista.
 -- Comprehando. Até logo.
 -- Se Deus quizer.

NA PHOTOGRAPHIA ALLEMÃ

(ENTRE O SR. MAX E UM AGENTE DA "GAZETINHA")

-- Dá licença, Sr. Max?
 Poss non, senhori; pode intrari.
 -- Por quanto me tira uma duzia de retratos em porcellana?
 -- Dösse mil reis; é o prece fixe.
 -- Barato; porém não me posso retratar agora.
 -- Porque non?
 -- Porque, logo do lado que eu me acho mais bonitinho, nasceu-me esta espinha.
 O Sr. Max, depois de dizer em bom allemão «que presumpção» proseguiu:
 -- Non offende; o seu retrate sahe perfectionement; este é mesme o lado que deve ficar mais occulto.



-- E o senhor promette-me que ella não apparecerá?
Poss non : garante até.
-- Eu não dispenso que saiam e o broche da gravata e a cadeia do relógio, com esta medalha.
-- Sahe tude, senhori, nem pôde deixar de assim ser.
-- Neste caso sahe tambem o diabo da espinha.
-- Oh! isso fique por minhe conte. Queri logo?
-- Não; não vim ainda preparado,
-- O que lhe falta? está bem vestido asseíade...
-- Falta retocar-me, botar pôs de arroz no rosto, etc.
-- Eu tem aqui o posse.
-- Não; quero mesmo do meu que é colorido e perfumado.
-- Poss bem; como quizeri.
-- Mas, olhe bem: só pago doze se sahir o broche e a cadeia com a medalha e nada da maldita espinha.
-- Non ha duvida, non tem cidade.
-- Bem; até breve.
-- Aqui ás ordens.

TRANSCRIPÇÕES

PARTE SCIENTIFICA

Chronologia

Mes lunar synodico ou lunação é o espaço de 29 dias, 12 horas e 44 minutos, que decorre entre duas conjunções consecutivas do sol e da lua.
Anno lunar é o periodo de 12 lunações; tem 354 dias e 9 horas aproximadamente.
Anno tropico ou solar é o tempo decorrido entre duas chegadas successivas ao equinoxio da primavera e tem 365 dias, 5 horas e 49 minutos.
Anno sideral é o tempo decorrido entre duas passagens consecutivas do sol pela mesma estrella. E' maior que o anno solar em virtude da retrogradação dos equinoxios.
Cyclo lunar é o periodo de 19 annos, passados os quaes as luas novas tornam a cahir nos mesmos dias dos mezes.

Cyclo solar é o espaço de 28 annos, no fim dos quaes os dias dos mezes cahem nos mesmos dias da semana.

(Continua)

PARTE LITTERARIA

A vida e a morte

No limite onde começa o sentimento inicia-se a dor, que é companheira eterna da vida; avisa-nos de nossas faltas e auxilia-nos em nossos grandes trabalhos, porque não podemos alcançar a verdade sem esforços, nem chegar ao bem sem combate, nem desejar a perfeição sem essa sede insaciavel, signal da origem celeste e infinita de sua alma.
Triste de nós no dia em que se acabasse o desasociego de nosso ser; sem ser isto, se acabaria o mais sublime da vida.
E o que digo da dor digo da morte. O homem seria um eterno lobo, si não soubesse que ao menos ha de haver um acto, solemne, tragico, sublime, em sua existencia: a morte.
A morte, porém não mata; a morte anniquilla; é um renascimento à outra vida, parece uma decomposição, porque nunca brota a haste sem se decompor a semente, nem o fructo sem seccar a flor, nem uma nova forma sem se apagarem as formas antigas, no crescimento e progresso de todos os seres.
Se não houvesse a morte, não haveria renovação, a natureza seria um lago immovel e miasmático; a humanidade uma velha impotente e preocupada.
O sepulchro é um berço.
Choramos, no entretanto, um morto como a personalidade trabalhosa conquistada não pôde perder-se, nesse morto vestem outros seres, um recém-nascido, porque a vida é infinita.
E enquanto houver dor e morte haverá religião; o raciocinio ficará immovel ás portas do sepulchro e ali abrirá suas azas luminosas à fé.
Se tirassemos a morte, talvez pudéssemos supprimir a fé. Ao tirar a morte, porém, converteríamos o mundo em vicioso harem, o homem em um eterno imbecil.
Uma vida em que não cae uma la-

grima, é como um desses desertos em que não cae uma gotta d'agua: só en- gendrara serpentes.
Si tirassemos do rosto do obreiro o suor, das grandes causas o martyrio, a obra artistica a pena, do amor a tristeza, da vida essa corôa de cyprestes que se chama morte, não haveria fé e muito menos virtude, esperanza, poesia, belleza moral, no mundo; porque tudo o que é grande nasce da dor e cresce no succo das lagrimas.

EMILIO CASTELLAR.

Graciosa

Eu tenho uns olhinhos castos
Que me deram de presente :
Uns olhos de fazer febre.
Uns olhos de matar gente!
Quem m'os deu... é um mysterio!
Deos me livre de contar!
São olhinhos pra se verem
Com muito geito, e guardar!
Quando penso que possuo
Uns olhos de tal magia,
Sinto o ceo entrar-me n'alma
N'uma enchente de alegria,
Peço thesouro mais rico
Dos objectos mais raros,
Eu não dava um pedacinho
Desses olhinhos tão caros!
São mesmo uns olhos divinos,
N'uma ternura sem fim:
Uns olhos que Deus formou
Só, de encomenda, pra mim!
As vezes tem a doçura
D'um brilhar meigo sereno,
Qual estrellas que fluctuam
N'um firmamento moreno;
Outras vezes, rutilantes,
Parecem filhos do sol
Saltitando no horizonte
Innundados de arrebol!
Se Castro Alves surgisse,
Se Varella inda cantasse,
Se Gonçalves existisse,
Se Abreu resuscitasse,
Eu faria junta poetica
Pra decidir do valor
Desses olhinhos tão raros,
Desses mimos de primor,

Mas, como eu não tenho estro,
Que me dê inspiração,
Erigi para esses olhos
Um altar no coração.

ORSINI.

Telas

Era á sesta, n'hora calida,
Bem me lembro era no outono
Que tu dormias, tão pallida
Eras nos braços do somno!
Em torno virentes rosas
Eram amphoras de aroma,
E as borboletas medrosas
Vinham poisar-te na côma.
As auras mais indolentes
Desgrenhavam-te os cabellos,
Eram beijos tão írements!
Caricias, tantos anhelos!
Mais tarde, fransina, pallida,
Pintei-te o quadro do somno
Em que á sesta, n'hora calida,
Mostravas tanto abandono...

Tu coraste sensitiva
E logo fugir-te vi...
Que farias minha diva
Se eu contasse,
Se eu pintasse,
Tudo aquillo que omitti?

LINS DE ALBUQUERQUE.

AS CONFISSÕES DE D. JOÃO

**Nao me invejes a vida, amigos; crêde
Que eu sou mais infeliz do que ditoso.
Para os sedentos de paixoes, o goso
E' como a agua do mar, que só faz sede.**
**O mar foi para mim como uma rede
De largas malhas, onde pressuroso,
Passava o peixe fino e saboroso
E só ficava o grosso e inutil. Véde;**
**Vou contar-vos da minha historia triste
Alguns casos de amor, do qual se queixa
Quem mais o gosa e menos lhe resiste.**
**Eu nao me queixo: amei o amor; vencio-o.
E só quero mostrar-vos que elle deixa
A bocca amarga, o coração vasio.**

FELINTO DE ALMEIDA.

PARTE RECREATIVA

Credo

A' UMA MOÇA

Moça bonita que fuma,
De verdade ou por folia,
E' nojenta, não é moça,
Perde logo a poesia.

A bocca fede a fumaça,
Ficam os dedos fedorentos,
A lingua cria uma casea,
E os dentes ficam nojentos.
Fumar só é proprio do homem,
— Bicho feio e porcailhão,
Ou da velha tribofeira,
Ou... de uma negra tição.
Mas fumo em bocca de moça!
Oh! meu Deos, que porcaria!
Seus beijos cheiram a sarro,
Leva a cuspir todo o dia.
Bocca de moça é cheirosa,
Tem uma essencia favorita;
Quando eu quero perfumar-me
Falto co'uma moça bonita.
Como é portanto que faz-se
De um *bijou* uma *chaminé*?
Reparem: moça que fuma,
Bem cedo toma rapé.

DR. CACIMBO.

Nós, porém, dizemos, plagiando o auctor:

Como é portanto que faz-se
De um *bijou* um velho caco?
Reparem: moça que fuma,
Bem cedo toma tabaco.

O que Beatriz deseja

Não é verdade, Beatriz? Não é n'um dia assim que te desejarias achar longe do bulicio do mundo, a sombra dos arvoredos frondosos, ouvirto cantar os passarinhos pousados nas ramagens verdejantes?

SOUVENIR.

Que demonio é que tu prégas,
Meu Souvenir?! Ora bolas!
Não faças lyrismo piegas!
Não contes caraminholas!
Essa Beatriz que nos dá,
Que do bulicio se esgneira,
E vai ouvir sabiás
Nos ramos da lorangeira,
Aos poetas não enfeitica,
Do mundo ha muito anda ausente,
Por ser do tempo em que a gente
Atava os cães com linguica
Prefere, meu fantasista,
A moderna Beatriz
As cousas que dão na vista,
Fanfreluches de Pariz,

A todos os passarinhos
Sobre arvoredos frondosos,
Trinando, nos murmurinhos
Uns cantares amorosos.
A tua Beatriz no abysmo
Cahiú pra sempre! Morreu
De indigestão de lyrismo
Do Casimiro de Abreu.
Hoje a Beatriz, terna e meiga,
Crê, meu velho, isto é sabido,
Quer festas, um bom marido
E á noite... pão com manteiga.
PEDRO MALAZARTE.
Um pobre homem entrou em convalescença depois de demorada enfermidade.
— Como é que eu pude viver tanto tempo sem comer? perguntou elle ao medico.
— A febre alimenta, meu amigo.
— Sim?! Ah! doutor! Se eu pudesse dar á minha sogra e aos meus sete filhos!...

Dizia um medico enfurecido:
— E' um grandissimo caloteiro aquelle patife!
— Porque, doutor?
— Por que? Ora essa! Um brejeiro que anda de carro e que ainda me deve a morte do pai!
Quando a mulher diz--*não* e baixa a cabeça, o diabo diz--*sim* e entra-lhe no coração.

Os zélos são muitas vezes
Como os vidros de augmentar,
D'uma imagem pequenina
Fazem monstros de assustar.
E' que a razão, nós amores,
Como a vista nos crýstaes,
Costuma ver illusões
Em vez de imagens reaes.
A consciencia é o melhor livro de moral que possuímos e devemos consultar a miúdo.

SECÇÃO LIVRE

Logogriphos

Ao amigo Joaquim Azevedo, em troca de seus logogriphos, *Aristides e Cherubina*, a mim offerecidos.

Ah ! meu amigo, estás na peça ! 2, 6, 8
Dai-lhe uma volta circular. 8, 5, 2, 3
Depois do primeiro ensino. 3, 2, 4, 6, 2
Para depois desalfiar. 7, 2, 1, 6, 8, 7.

CONCEITO

O amigo não tenha queixa,
Porém é um pobretão :
Cautella muita cautella
Lá na rua do Baião...

Pocinhos, 29-9-88.

ARACIO PEDROSA.

Varão illustre 4, 5, 7, 8, 5.
Patria, morada : 3, 2, 3, 4, 8
Premio e castigo. 1, 6, 3, 8
Mulher demandada. 7; 5

CONCEITO

Meu santo ; eu vos peço,
Que não vos aperteis de mim ;
Pois, sem vós neste mundo,
Nada posso ser, enfim.

Banabuyé, 25 de Setembro de 1889.

JOVINIANO SOBREIRA.

(POR LETRAS)

Offerecidos ao amigo Joaquim Azevedo
Sou fructa brasileira 1,5,3,9.
Vivendo sempre no chão 8,2,6,7,8,7.
E faz tambem parte do corpo 1,9,4,2.
Este celebre campeão.

E' appellido,
E conhecido
Muito usado
Não abolido.

Sendo assim armadilha 1,2,3,9,7.
E barco veneziano 1,7,5,6,7,8,4.
E tambem linguagem barbara 1,2,3,4.
Servindo sempre de engano 6,7,8,7.

Quer o conceito
E' visto no ar.
Nada mais digo
Vá decifrar.

A. V. O. A.

Vamos caro amigo, 41, 6, 6, 5, 12.
Para aquelle lugar ? 8, 6, 6, 15
Ver a mulher do baile 2, 8, 6, 7, 14
E o governador visitar ? 9, 3, 7
Pelejando inutil 4, 3, 9, 11, 6, 13, 3
Com este confessor ; 14, 2, 9, 8, 4, 3,
Fraco e cobarde. 11, 2, 1, 9, 15, 10, 8
Em grau superior. 14, 10, 10, 7, 9, 11.

CONCEITO

Que trabalho me deu !
Para formar o conceito :
E' nome de uma mulher,
Decifre quem tiver geito.
Esperança, 26 de Setembro de 1889.

JOSÉ PEREIRA BRANDÃO.

Decifrou os logogriphos—Aristides,
Cherubina e Juden errante—, publica-
dos no n. anterior, o Sr. Jovianio So-
breira.

Ao auctor dos problemâs publicados no
n. 3 da Gazetinha

Pedro é mais rico que Paulo ; a for-
tuna de Pedro mais a de Paulo é cal-
culada em 25:000.000 ; multiplicada
uma pela outra sobe o seu valor a
114:000.000. De quanto é Pedro mais
rico que Paulo ?

GAZETILHA

Ovo de ferro—Eis como os *cice-
rones* do museu de Berlim contam a
historia de um ovo de ferro ali exis-
tente :

« Ha muitos annos um principe pe-
diu em casamento uma formosa prin-
ceza, a quem prometteu enviar magni-
fico presente como testemunho de seu
affecto.

« No tempo marcado chegou o men-
sageiro trazendo o presente promettido,
que era—um ovo de ferro.

« A princeza indignada por ver que
o principe lhe enviava mimo de tão
pouca monta, lança por terra. O ovo
ao cahir abriu-se, deixando ver que a
clara era de prata. Sorprehendida com
tal descoberta, apanhou o ovo e, exa-
minando-o com attenção, descobriu
uma mola occulta, que, comprimida
abriu a clara, donde sahio uma gemma
de ouro.

« Esta por seu turno foi aberta e do
interior surgiu uma corôa cravejada de
rubins.

« Dentro desta corôa estava o anel
de brilhantes, symbolo do hymeneu. »

8,202 suicidios—Publicou-se
ha pouco em França a estatistica dos
suicidios do anno de 1887.

Houve neste anno 8,202 suicidios,
sendo de homens 6,434 e de mulheres
1,768.

Quanto ao estado vê-se que os ca-
sados são os que se entregam mais
commummente a desesperação ou que
se cansam mais cedo das desgraças
deste valle de lagrimas (talvez influen-
cia da sogra), pois no total figuram em
numero de 2,910 suicidas.

E' na classe agricola que a columna
das profissões avulta, pois dá 2,614
suicidas, homens e mulheres.

Soldado do sexo feminino

Foi detido em Paris por andar fugido
ao serviço militar, um rapaz de 22 an-
nos, Mauricio Harriston.

Dias depois, foi reconhecido ser mu-
lher. Antonietta Harriston, filha de
uma familia allemã que para sustentar
os velhos pais caidos na miseria, vesti-
ra-se de homem e viera a Paris, onde
achou emprego desde logo.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA ALLEMÃ

DE

B. Max Bourgard.

De passagem por esta cidade, onde pretende
demorar-se por 15 a 20 dias, offerece os seus pres-
tímos na arte photographica ao respeitavel publico
de Campina Grande, garantindo perfeição no seu
trabalho, que executa das 10 da manhã até ás 4
horas da tarde.

RUA CONDE D'EU N. 4.

OURIVES

PRAÇA DA INDEPENDENCIA
N. 20

Tem Antonio Joaquim Candeas sua
officina.

Faz e concerta obras de ouro e prata
garantindo seriedade e modicidade em
preços.

Campina Grande, 19 de Setembro
de 1889.

TYP. DA « GAZETA DO SERTÃO »